

Democracia leva elogio no adeus

Todos os líderes partidários presentes na sessão de ontem da Câmara fizeram da tribuna uma avaliação sobre a legislatura, sem deixar de lado questões políticas e até sentimentais, como a despedida dos derrotados. O líder do PFL, José Lourenço, lembrou o significado da Câmara para que todos os segmentos da representação popular exponham democraticamente as suas idéias, dirigindo-se depois a cada um dos líderes partidários com uma nota pessoal e característica: "Permitiu-se até uma espécie de conselho ao PT, achando que o partido deve participar do diálogo, pois 'o isolamento não é prática democrática e o que vemos é que o PT não tem tido o sucesso esperado nas urnas'".

Admitiu as críticas da oposição, achando que são necessárias no processo democrático, conclamou o líder do PMDB, Pimenta da Veiga, a permanecerem unidos: "Parceiros da Aliança Democrática, sabemos que só juntos vencemos os grandes obstáculos que temos pela frente. Ninguém só, por maior que seja, vencerá os grandes desafios que temos pela estrada estreita e, por vezes larga, mas cheia de espinhos e de buracos".

— Só juntos, nós da Aliança Democrática, sem apelos para que nos ponham juntos, mas dizendo claramente que estamos juntos em função de uma determinação histórica e política do momento nacional" — pregou o líder José Lourenço.

OS PITOS NA IMPRENSA

Depois do registro curto e incisivo do presidente Ulysses Guimarães ao trabalho da imprensa, o líder do PFL, José Lourenço, inaugurou as referências formais ao assunto. Pôrém, sem críticas, reconheceu o direito dos jornalistas registrarem os erros e acertos, como é próprio da qualidade humana.

Válendo-se da sua condição de repórter, o líder do PDS, Amaral Netto, sentiu-se com autoridade para cri-

ticar os jornalistas. Disse que "mil vezes prefiro até as injustiças que eles possam praticar contra nós ao silêncio diante de nossos erros", lançando a seguir um apelo patético:

— Se esta casa tem tantos defeitos, se esta casa errou tanto nesse quadriénio e se no futuro vai continuar errando, pelo amor de Deus, companheiros da imprensa, não se esqueçam de que somos, políticos e jornalistas, irmãos xipófagos. A morte de um é praticamente a morte do outro".

Reclamou da "incompreensão terrível" entre políticos e jornalistas, levando, às vezes, as críticas a extremos, como liquidar com o Congresso. E advertiu: "Não se esqueçam que a crítica deve ter um limite. Esta casa é cheia de erros, e é com os defeitos e as qualidades que possamos ter que poderemos construir uma democracia perene neste País".

Pouco depois foi a vez do líder do PTB, Gastone Righi, oferecer ao plenário a sua impressão sobre o trabalho jornalístico. Reclamou de serem os políticos sempre injuriados, embora optem por defender os interesses dos congressistas e de um Brasil melhor.

— E nem bem isso foi reconhecido. Quantas injustiças não sofreu este Congresso e esta Câmara, praticadas pelos amigos e colegas da imprensa. Em nenhum momento o Congresso foi enaltecido por qualquer de suas atitudes. Não assisti legisladores sendo destacados, colegas e companheiros que aqui trabalharam e sacrificaram interesses próprios e pessoais, que se dedicaram eficiente e efetivamente, não vi seus nomes serem separados dos demais. Se houve quatro ou cinco pianista e se durante algum largo período não obtivemos quorum para muitas votações, na verdade aqui estiveram sempre um pugilote de bravos, competentes e capazes — disse ainda Gastone Righi.

Depois, clamou por justiça da imprensa, porque "não pode mais acontecer

os votos brancos e nulos das últimas eleições, fruto da descrença que se implantou no povo de forma imerecida". Mas, a exemplo de Amaral Netto, preferiu a imprensa injusta à áulica, sabugosa ou venal. Recomendou que ela mantenha sua independência e corriga-se nos erros cometidos.

Veio por último a palavra do líder do PMDB, Pimenta da Veiga, que lembrou a posição privilegiada dos jornalistas entre os 130 milhões de brasileiros, por poder trabalhar no Congresso. Isso, na opinião dele, coloca aqueles profissionais como juízes do andamento dos trabalhos. Por isso, acha uma grave responsabilidade a escolha dos temas que terão repercussão. Admite o direito de enfatizar os erros, mas cobrou a obrigação de darem a contrapartida, exaltando os acertos, repercutindo os avanços da democracia e os sociais que são obtidos no parlamento.

— Estou certo de que a partir da próxima legislatura, quando viveremos um tempo de real democracia, de uma democracia institucionalizada, a imprensa estará atenta a esta grave responsabilidade — concluiu Pimenta da Veiga.

O líder peemedebista destacou depois a responsabilidade do PMDB na confecção de uma nova Constituição, quando deverá ter a sensibilidade de "separar a nossa exuberância partidária dos interesses do País". No seu entender, o partido que fez concessões para a construção da Nova República deverá ter duas preocupações fundamentais: coerência com a nossa história e inarredável firmeza política.

E isso, conclamou, mesmo que custe julgamentos mais severos e até uma pequena redução no tamanho do partido. Defendeu a manutenção da Aliança Democrática e assinalou a responsabilidade do PMDB em dar respaldo ao Governo para tratar da dívida externa.